

IMAGINÁRIO, LITERATURA E EDUCAÇÃO POPULAR: notas sobre questões de gênero a partir da obra As filhas de Lilith de Cida Pedrosa

IMAGINARY, LITERATURE AND POPULAR EDUCATION: notes on gender issues from the work of The children of Lilith de Cida Pedrosa

Clécia Juliana Gomes Pereira Amaral
Mário de Faria Carvalho

Resumo: Esta pesquisa apresenta discussões que interligam os campos da Educação Popular, Literatura e Gênero à luz da Teoria do Imaginário. Assim, este estudo tem o objetivo geral de compreender as representações da categoria gênero presentes no pensamento literário da escritora pernambucana Cida Pedrosa. Trata-se de uma investigação de natureza bibliográfica, exploratória e descritiva quanto aos seus fins. Os resultados alcançados a partir da análise da obra eleita aludem a premissas de que a literatura, entendida enquanto espaço e prática formativa, potencializa uma compreensão plural e interdisciplinar acerca da categoria gênero. Ainda, que as concepções apresentadas na obra da escritora Cida Pedrosa perfazem a literatura como expressão sensível e possível à resignificação dos modelos e discursos hegemônicos sobre questões de gênero. E, por fim, que o saber não formal, assim como o produzido na literatura de Cida Pedrosa, aliado a teorias não redutoras, é imprescindível à resistência as imposições epistemológicas que marcam a produção hegemônica do conhecimento.

Palavras-chave: Gênero. Literatura. Educação Popular. Imaginário. Cida Pedrosa.

Abstract: This research presents discussions that interlink the fields of Popular Education, Literature and Gender in the light of Imaginary Theory. Thus, this study has the general objective of understanding the representations of the genre category present in the literary thinking of the author from Pernambuco Cida Pedrosa. It is an investigation of a bibliographic nature, exploratory and descriptive as to its purposes. The results obtained from the analysis of the chosen work allude to the premisses that literature, understood as space and formative practice, enhances a plural and interdisciplinary understanding about the gender category. Still, the conceptions presented in the work of the writer Cida Pedrosa make literature as a sensitive and possible expression to the reframing of hegemonic models and discourses on gender issues. And, finally, that non-formal knowledge, as well as that produced in the literature of Cida Pedrosa, combined with non-reducing theories, is essential to resistance the epistemological impositions that mark the hegemonic production of knowledge.

Keywords: Gender. Literature. Popular Education. Imaginary. Cida Pedrosa.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos desenvolvidos a partir da área de conhecimento da Educação e de outros campos do saber afins têm se preocupado, cada vez mais, com a presença e participação da mulher nos diferentes espaços formativos e de produção científica. Em suma, uma das premissas recorrente nessas investigações diz respeito ao reconhecimento e valorização do saber feminino – a partir de experiências formais e não formais – na construção de práticas e, principalmente, de saberes ligados a temas sensíveis, buscando-se ressaltar, sobretudo, o lócus feminista enquanto fundamento outro à socialização de diferentes sujeitos.

Nesse sentido, propiciar o debate das questões de gênero e acerca do reconhecimento das epistemologias femininas produzidas na e partir do conhecimento popular é oportunizar a valorização de mulheres que, historicamente, foram subalternizadas por lógicas redutoras do saber positivista e da ciência em si. Quando se trata do conhecimento veiculado no campo da Educação, este, muitas vezes, não foge aos limites determinados pelo sistema de validade/neutralidade que segue como legitimador do que se aprende nos espaços formais de formação.

Assim, a consideração de experiências e de conhecimentos produzidos a partir do lugar social dos sujeitos, com base nas reflexões construídas sobre a realidade, aduz a outras epistemologias que não somente aquelas circunscritas ao espaço escolar. Pode significar em importantes leituras e apresentação de notas à releitura do modo como vemos determinados.

Neste estudo, as premissas anteriormente apresentadas voltam-se à reflexão sobre questões de gênero a partir do saber literário-popular de uma escritora pernambucana. A reflexão deste assunto – a partir de ideias construídas fora do eixo redutor do saber – perfaz a problematização do pensamento educacional popular/literário/feminista enquanto uma epistemologia que considera as sensibilidades e as construções sociais como instrumentos à reformulação de ideias e de práticas na escola e fora dela.

O estudo proposto busca problematizar as potencialidades reflexivo-formativas presentes na obra literária da referida escritora, pensando esse espaço enquanto uma alternativa para discussões que deem espaço a vozes oriundas do cotidiano e da vivência de sujeitos marcados por processos diversos de desigualdade. Sugere-se a capacidade crítica e o diálogo entre educação popular e literatura enquanto lócus à instituição de outros paradigmas ligados a díade gênero e educação.

As perspectivas críticas feministas na formação humana recebem, aqui, atenção principal, especialmente quanto à hipótese de que a literatura é um mecanismo que traduz os sentimentos daqueles que a utilizam politicamente, e que estabelecem dada carga ideológica como mecanismo de transformação social vinculado a possibilidade e capacidade didática de formar indivíduos através de sensibilidades. O diálogo entre literatura e demandas formativas é uma resposta outra ao modo como têm sido lidos determinados temas no âmbito educacional.

A educação e a literatura têm indispensáveis papéis na (des)construção de marcadores que ainda contribuem com o processo de exclusão de diferentes sujeitos. Estudar fenômenos educativos – que não apenas aqueles que se originam do contexto escolar – que

redimensionam o sistema educacional oficial e modo de validação/construção do saber tradicional se torna uma perspectiva maior deste estudo.

Nesse sentido, tratamos a partir da obra literária de uma escritora pernambucana, que se utiliza do imaginário para refletir questões de gênero, sobre como, na contemporaneidade, são necessários tensionamentos sobre como se pode construir dados saberes e práticas educacionais tendo a dinâmica e o lugar social de sujeitos enquanto instrumento de mudança e aprendizagem.

Justifica-se a realização desta pesquisa com base na necessidade de se investigar academicamente questões de gênero no âmbito da educação, visando o reconhecimento feminino na construção de ideias e processos educacionais populares. Este estudo guarda forte relação com a intenção de situar o feminino e o seu verdadeiro papel nas construções de outras epistemologias, sejam elas oriundas de ambientes educacionais formais ou não. Por outro lado, a pesquisa tem sua gênese no interesse por trazer à tona a discussão da linguagem literária como sendo porta voz de mulheres que apresentam mecanismos de resistência às imposições educacionais e sociais que insistem em subjugar e desconsiderar questões de gênero na formação humana.

Assim, a problemática de pesquisa que norteou o presente estudo foi: quais as representações da categoria gênero presentes no pensamento literário da escritora pernambucana Cida Pedrosa? E, enquanto questões secundárias: que representações o pensamento literário de Cida Pedrosa aponta para pensar questões de gênero na educação? É possível vislumbrar que dimensões da categoria gênero na produção de escritora que contribuem para o avanço da produção sensível sobre o tema em questão?

Nesse trajeto, elegeu-se como objetivo geral deste estudo: compreender quais as representações da categoria gênero presentes no pensamento literário da escritora pernambucana Cida Pedrosa.

A pesquisa foi organizada na consideração dos seguintes objetivos específicos: problematizar questões de gênero, a partir do pensamento pedagógico feminista e da teoria do imaginário; discutir as bases de formação para as relações de gênero, a partir dos marcos feminista da educação popular; e, por fim, identificar as construções da categoria gênero presentes nas potencialidades do pensamento literário de Cida Pedrosa.

A teoria do imaginário foi eleita para fundamentar as questões suscitadas nesta pesquisa. Acreditamos que a discussão abordada por esse campo de estudo traduz as questões ligadas a história, cultura e gênero presentes na obra eleita. Trata-se de uma lente teórico-analítica que valoriza as bases epistemológicas e o lugar de fala dos sujeitos, que contribui

com a significação de práticas que estão sendo materializadas implicitamente nos discursos. Em suma, as chaves de leitura deste campo do saber são retomadas enquanto pontes à compreensão e consideração dos elementos ligados à diversidade presentes no universo de investigado.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Gênero para além da educação formal: perspectivas à luz da Teoria do Imaginário

Discutir educação e gênero à luz da teoria do imaginário se revela como um pressuposto teórico que permite a compreensão das diversas possibilidades da construção social do sujeito e de seu discurso. O imaginário constitui-se como um conector obrigatório pelo qual se forma qualquer representação humana (DURAND, 2010).

Essa abordagem possibilita a reflexão desde a subjetiva humana à construção mítica do ser. Afinal, percebe-se que as construções sobre o sujeito sempre estiveram pautadas por particularidades que se pretendiam universais. Por outro lado, o sujeito é constituído discursivamente, é contingente, é político. E essa constituição dá-se mediante a compreensão do lugar de exclusão (BUTLER, 1998). Discursos e práticas que tornam a mulher ou qualquer grupo inferiorizado, inviabilizado, necessitam ser ressignificados, afinal, são um importante locus de investigação.

Questionamentos feministas alinhados à Teoria do Imaginário atrelam à concepção simbólica que institui o sujeito e o mundo novas lentes sobre as dinâmicas de silenciamento e exclusão de dados grupos. Tendo o ambiente cultural elemento formador do campo lógico e do campo do significado, é preciso considerar que ambos se interpelam.

Dar sentido a vida e ao mundo são questões que acompanham o homem e que fizeram constituir suas relações sociais e de produção do conhecimento. Por outro lado, as noções sob as quais reside a Teoria do Imaginário consideram que o nada para o ser humano é também um insignificante. E, assim, dar significado a questões implícitas sugere adentrar no plano do simbólico (PITTA, 2005). O simbólico é aqui compreendido como oportunidades de criação e libertação, possíveis de criar uma conexão do *eu* com o *outro*. Do mesmo modo, Butler (1998) também considera que é nas práticas performativas de reiteração, que se dão através da dimensão simbólica da linguagem e da cultura, que as relações e os corpos (identidades) tornam-se passíveis de serem pensados/refletidos.

Romper com as tradições epistemológicas hegemônicas e universais configura a possibilidade de construções simbólicas outras, sob uma perspectiva de releitura e apresentação de alternativas não redutoras da complexidade da realidade social. Desse modo, as concepções sob as quais está alicerçado o imaginário são compreendidas como uma vertente que dialoga com as diversas áreas e campos do saber. Considera a necessidade de se pensar teorias que subvertam a unidade e a universalização para se produzir dimensões outras e múltiplas sobre a diversidade e seus sujeitos.

Na formação humana – e não apenas educacional-formal – lidar com filosofias redutoras é deixar de lado o diálogo, o debate com o que é múltiplo. Assim, questionar a representação e modelos que detêm a imagem única do social e do humano é desafio de estudos que se dizem, na contemporaneidade, interdisciplinares.

No mesmo sentido, a discussão de gênero compreende que a ausência da representatividade de mulheres é dissonante e excludente. Está implícita nesta prática uma relação de controle pelo saber-poder. Como também, na literatura, tem sido constante a necessidade de se realizar a crítica às identidades que naturalizam e imobilizam os sujeitos e seus movimentos.

E, na intersecção destes campos, têm-se, cada vez mais, se constatado que saberes podem ser mobilizados para que a diversidade possa surgir enquanto um dos pilares da afirmação das diferenças, da liberdade e das múltiplas identidades, que inclua, pense e considere os sujeitos e seus lugares sociais (OLIVEIRA, 2016).

Assim, ao considerarmos que toda realidade é imaginária, deve-se pensar a imagem enquanto símbolo que expressa o imaginário, que o concede sentido, assim como na representação literária. Nele são construídas condições diversas à representação do(s) gênero(s). Bachelard aponta que o imaginário, muito longe de ser a expressão de uma fantasia delirante, desenvolve-se em torno de alguns grandes temas, imagens que constituem para o homem os núcleos ao redor dos quais as imagens (ideias e práticas) convergem e se organizam (PITTA, 2005). A educação e a literatura, que pertencem ao domínio do simbólico, podem propiciar a ressignificação das imagens – inclusive de gênero – que foram, histórica e culturalmente, assimiladas como universais.

Essas colocações se apresentam, neste estudo, enquanto trajeto à consideração do conhecimento sensível. Segundo Pitta (2005) o imaginário, nessa perspectiva, pode ser considerado como essência do espírito, à medida que o ato de criação (artístico-literário) como o de tornar algo significativo (lugar social do sujeito), conduzem à significação de algo (as intersecções entre literatura, imaginário e educação na obra de Cida Pedrosa).

2.2 Saber popular e questões de gênero: margens e significações

A educação no Brasil é bastante debatida quando se trata da promoção da diversidade, por apresentar um currículo frágil quando se refere a questões voltadas ao tema gênero. É possível evidenciar marcas que, ainda, abordam um pensamento sexista na concepção de educação atual. Segundo Freire (1994) o preconceito de raça, de classe e de gênero funda-se no realce da subalternidade de determinados grupos. Entre diversos fatores subjugados pelo sistema educacional, que continuam a fragilizar dadas minorias, a valorização de saberes populares pode contribuir com esse quadro. Encontra-se na educação popular e nos saberes produzidos no cotidiano dos próprios sujeitos vulneráveis respostas e alternativas que driblam os mecanismos impostos pelo saber hegemônico instituído no contexto formal da educação.

A partir de práticas populares, da discussão marginal que é dada a certos temas, surgem importantes reflexões do papel que pode ser desempenhado pelos sujeitos que perfazem o sistema educacional. Em suma, as epistemologias populares podem oferecer importantes lentes à desnaturalização de estigmas (SHOLE, 2002) ainda persistentes no contexto formal de ensino.

Ao pensar nos processos de construção do saber ocorridos em e partir de espaços informais, compreende-se que, quando se trata das questões de gênero, esses sujeitos e discursos – em sua maioria de caráter feminista – são enfraquecidos pelo patriarcado, ainda tão marcante nas relações que perfazem a educação, o qual firmou no imaginário social que “a mulher é educada pela sociedade a aceitar seu papel imposto, sua condição de classe subalterna, de propriedade de homem, sua condição de inessencial” (CHAVES, 2014, p. 121). No entanto, é possível compreender que o feminismo, por sua vez, é mais diluído, essencial aos saberes e práticas de natureza popular que se dedicam, especialmente, ao debate de questões de gênero (MARIANO, 2005). Evoca um conhecimento que valoriza e inclui as mulheres (CONTE, 2009), assim como tem representado as manifestações literárias.

Evidenciar e considerar expressões populares de formação e construção do conhecimento em intersecção com o feminismo realça a subversão ao sistema político-educacional que desconsidera violências socialmente aceitas dentro da falsa aparência de igualdade que o sistema formal de ensino reproduz. O debate e formação sobre igualdade de direitos pressupõe a construção de uma sociedade plural, comprometida com a formação de sujeitos políticos, na qual mulheres são agentes da história e do saber.

Segundo Vieira (2012) a metodologia e a produção do saber popular feminista têm por base a construção coletiva do conhecimento, levando em conta aspectos objetivos e subjetivos dos temas em questão. Nela, se considera que a realidade é traduzida pelos discursos que ceram o lugar social de vulnerabilidade, ou seja, se traduz em um saber baseado nas sensibilidades vivenciadas, assim como propõe a Teoria do Imaginário quando se trata da produção do conhecimento.

Assim, a formação e valorização do saber baseadas na realidade dos sujeitos envolvidos, coletiva e individualmente, torna-se significativa à releitura da lógica pouco plural que perfaz o sistema de ensino atual. Pois, como afirmou Paulo Freire:

Ao defendermos um permanente esforço de reflexão dos oprimidos sobre suas condições concretas, não estamos pretendendo um jogo divertido em nível puramente intelectual. Estamos convencidos pelo contrário, de que a reflexão, se realmente reflexão, conduz à prática (1996, p. 22).

O saber popular por sujeitos marcados por questões de gênero, segundo Conte (2009), evidencia, cria e fortalece o empoderamento das mulheres. Enfrentar as desigualdades é uma ação autêntica que pode resultar na reflexão crítica deste tema. Assim como propôs Freire (1996), é necessário que esse convencimento seja fruto da autoconscientização, mobilizada por práticas e saberes plurais.

A cultura é um espaço que contribui para a efetivação dessas premissas. Como produto humano, manifestado a partir das diversas formas da sensibilidade, está comprometida com a valorização de sujeitos e saberes múltiplos. Em sua condição de humanização, afeta os sentidos, traduz o que é íntimo e diverso.

Essa construção se utiliza de diversas linguagens, assim como, a literatura, recurso extremamente importante à potencialização de premissas às práticas de formação humana. A função formativa/reflexiva proposta pelas produções literárias se traduz na experiência dialógica, na qual o/a autor/a e suas produções tornam-se filosofias e produzem novos pensamento, ainda mais crítico-reflexivos.

As condições aqui referidas põem em destaque a necessidade de se pensar a literatura em seu potencial de transformação social e de construção de bases epistemológicas à educação. Assim, pensando a produção literária de sujeitos subalternos pode-se refundar premissas e apresentar ideias acerca de temas sensíveis ao contexto educacional. Não se trata da mera compreensão e nem no adestramento artístico, fala-se da imagem, da forma, do imperceptível (FAVARETTO, 2010).

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DO ESTUDO

Este estudo analisa o livro *As filhas de Lilith* da escritora pernambucana Cida Pedrosa. Busca-se caracterizar suas potencialidades epistemológico-educativas, especialmente aquelas ligadas às questões de gênero e da emancipação feminina.

Esta pesquisa dá voz a narrativa literária da poetisa e advogada Cida Pedrosa, discurso que comunga do sentimento de pertença a uma minoria social, afinal, desde a infância, na cidade Bodocó, já se mobilizava em prol daqueles que considerava injustiçados. Nesse mesmo período de sua vida era chamada pelo pai de advogada, por já externar sua opinião frente às injustiças sociais.

O sentimento de interação com este universo é inerente à observação de como sempre viu a realidade social. Desde canções que ouvia na infância até os questionamentos sociais trazidos pela literatura dos quais se apropriou, acabaram contribuindo para sua formação política. Aos 14 anos foi morar em Recife e passou a estudar no Colégio 2001. Lá teve professores que, por sua concepção política de esquerda, segundo ela, muito contribuíram para sua formação social. Toda essa conjuntura foi essencial para se tornar, posteriormente, uma militante dos direitos das mulheres.

A ânsia pela liberdade sempre esteve muito presente na vida da escritora. No período da ditadura tornou-se militante contra o sistema totalitário. Ligada às ações de esquerda, filiou-se ao PCdoB. Importante marca de sua história política acontece no Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco (MEIPE), contra a censura militar a poetas e artistas durante o regime de exceção.

Cida Pedrosa cursou Direito na Universidade Federal de Pernambuco, lá teve uma aproximação muito forte com os estudantes que eram ligados a cultura e que também militavam pelo fim do governo ditatorial, e, especialmente, para a garantia da liberdade de expressão.

Em 1989, pós-ditadura, foi trabalhar em Palmares no Centro de Defesa dos Direitos Humanos da Diocese, por meio da Comissão de Justiça e Paz Dom Hélder Câmara. Lá trabalhou em prol das causas de trabalhadores contra os usineiros. Nesse período, casou-se. Cida Pedrosa perdeu um bebê depois de ter sofrido um atentado. Cerca de quatro ou cinco meses depois, em 12 de dezembro de 1990, José Hélio, seu companheiro, foi assassinado por militares.

Nos anos seguintes, fugindo das ameaças do regime, trabalhou com a Federação dos Trabalhadores da Agricultura e com Sindicatos de Trabalhadores Rurais no Sertão de

Pernambuco. A partir de 1994 inicia, após sua volta ao Recife, sua atuação na gestão pública do governo estadual de Miguel Arraes, dedicando-se, desde então, e de modo mais particular, à promoção e à igualdade dos direitos humanos de mulheres e de questões de gênero.

A resistência de gênero protagonizada por Cida Pedrosa no processo de redemocratização e na construção da cidadania do país, de modo especial, em Pernambuco, marca suas. A autora dedica-se, fortemente, à reflexão dos padrões de gênero presentes e persistentes na sociedade brasileira, os quais são refletidos/analizados, neste estudo a partir de sua obra *As filhas de Lilith*.

Assim, por considerarmos que espaços literários têm veiculado importantes notas ao saber popular sobre dados assuntos, vislumbramos uma leitura sobre questões que permeiam o debate sobre emancipação feminina na educação, tendo a abordagem de espaços populares, aqui a literatura da referida autora, enquanto lócus. Acreditamos que abordagens formalistas, presas à discussão de temas alheios ao lugar social dos sujeitos, têm sido determinantes na perpetuação daquilo que Freire (1996) denominou de sistema bancário de ensino. Em suma, precisamos outras epistemologias, marcadas por sujeitos e conhecimentos populares.

A partir da Teoria do Imaginário utilizamo-nos de elementos voltados a superar produções de conhecimento que estão ligadas a uma tradição científica redutora. Diferentes e novas abordagens da realidade compõem a dinâmica da Pesquisa Social. De fato, a complexidade dos fenômenos contemporâneos tem requerido estratégias que superem o simples reducionismo do campo e dos atores sociais (CARVALHO; CARDOSO, 2015).

A abordagem qualitativa se torna o meio mais expressivo à construção desta pesquisa. Presume que ciência social articula fatos acerca da condição humana e de sua subjetividade (DENZIN; LINCON, 2006). Por essa natureza, a consideração e aplicação das contribuições à realização deste estudo são idealizadas.

Este estudo desdobra-se em uma pesquisa bibliográfica, de caráter exploratório-descritivo. O estudo da obra eleita configura a tríade imaginário, literatura e pensamento educacional popular para às questões de gênero.

A análise da obra eleita alude aos aspectos discutidos ao longo da fundamentação teórica deste estudo em conjunto a pesquisa descritiva que se preocupa em desvelar e analisar os sentidos implícitos na produção da autora que permitindo lançar mão de aspectos que contribuam com a discussão sobre questões de gênero a partir do conhecimento popular, em suma, a análise do problema de pesquisa em diálogo com seus aspectos sociais (OLIVEIRA, 2016).

O universo e a metodologia referida possibilitarão lançar notas sobre alguns aspectos que interligam a produção literária, cultural e educacional. Afinal, potencializar produções literárias e suas contribuições à formação do sujeito são um desafio à reflexão crítica da realidade.

4 POTENCIALIDADES DO PENSAMENTO LITERÁRIO DE CIDA PEDROSA PARA AS QUESTÕES DE GÊNERO

Literatura e educação conectam-se na construção de ideias e saberes que ressignificam a presença de sujeitos subalternos na construção do saber.

Cida Pedrosa demonstra, em seu papel de mulher feminista, nos seus poemas, aduz importantes notas sobre como pensar as questões de gênero, na contemporaneidade. Na obra *As filhas de Lilith*, Cida Pedrosa potencializa a construção de ideias feministas e ligados às questões de gênero. O título do livro nos remete a uma figura mística que é tratada, socialmente, como exemplo negativo da construção de identidades femininas e que na literatura da autora se torna personagem que elucida importantes ideias e comportamentos voltados a subverter às imposições e barreiras traçadas na construção do feminino e do gênero.

O livro contém poesias que personificam, valorizam e estimulam leitores/as a considerar as questões de gênero, conhecendo a intimidade de um universo pouco explorado na educação formal, muitas vezes traçado como impróprio e vulgar.

Cida possibilita, através de seus escritos, o reconhecimento da perda do melindroso, do convencional e do sensível ao se tratar do que é vivo. Suas premissas expressam a possibilidade de se romper, no debate sobre questões de gênero, com ideias e discursos vazios que negam a diversidade humana, aquilo que é vivido.

No poema *Khady*, tem-se uma demonstração da perspectiva feminina na reflexão da personagem, que questiona as preocupações movidas em torno do feminino.

Desde criança
uma pergunta lhe ronda a língua
por que deus se preocupa tanto
com o que as mulheres carregam entre as pernas

nem bem os pêlos nasceram
levaram-na mata adentro
e dor afora

a morada de vênus
foi cortada para o bem de toda a tribo

e a felicidade da fé

no lugar do amor
um espinho foi cravado
e no sangue de donzela
foram jogadas cinzas

excisão no corpo
de alma já infibulada

a fé de khady é a dor
e o rastro de deus é uma fístula
que de vez em quando parte em transumância
rumo ao ocidente

Khady, com alma infibula, carrega a dor que questiona. É perceptível o que, na teoria do imaginário, é tratado como função da imaginação simbólica, a qual é marcada pela transcendentalidade das coisas, que permite que se vá além do mundo material objetivo (PITTA, 2005) e se mobilize a subjetividade.

Essa construção mítica presente no trecho indicado acima calca-se na consideração que a poesia e o sensível são estruturantes da vida social. O trajeto antropológico apresentado na obra aduz a um percurso no qual a autora se faz e constrói o *outro*, nos mostra o papel que os símbolos cotidianos apresentam na construção do imaginário e as estruturas que os mesmos carregam. Segundo Pitta (2005), são essas estruturas que dão resposta à questão fundamental do homem que é ligada às díades vida/mortalidade, subjetividade/racionalidade. Atrela-se a Khady, conforme Teoria do Imaginário, a estrutura *noturna*, compreendida como o regime que busca conhecimento, a construção de uma harmonia entre elementos, teoricamente, opostos.

Na produção literária de Cida Pedrosa o empoderamento feminino e as questões de gênero são construídas junto às metáforas que as compõem, de forma interseccionada. Tem-se um reflexo de mulheres nas suas condições de diversidade (o gênero), que estão a subverter os padrões impostos socialmente à condição de ser mulher e ou estar marcado por questões ligadas ao gênero ou a sexualidade (identidades rígidas). A produção literária apresentada pela referida escritora aluda a uma verdade ética sobre a emancipação feminista e acerca de como questões de gênero devem ser pensadas, aspectos caros ao contexto de formação do sujeito.

Noutro poema, intitulado Ofélia, é nítida a alusão o empoderamento, elemento que se centra em marcas da consciência feminista sobre o mundo como forma de construir o argumento. Afirmo a autora que uma mulher que opera (age, critica, reflete), se sobrepõem, existe, vejamos:.

exemplo de mulher resolvida
conseguiu tudo o que quis

montou casa aos 21 anos
e já deitava com o namorado aos 15

hoje ocupa o melhor cargo da empresa sertanense

cargo maior
só o do dono-presidente e seu filho ronaldinho

tem sob o seu comando uma porrada de homens
e trata sobre a compra e venda de gesso
com empresários da argentina

acorda cedo levanta peso lê o jornal
prepara o dia serve ração a fênix
e marca um programa para noite

ofélia recebe a melhor amiga
lê neruda em espanhol
ensaia um tango
liga a TV
e pondera se já é hora de dividir as escovas com flavão

O poema exposto evoca a desconstrução mítica da mulher, que se estrutura em torno do regime *diurno*, símbolo de luta que contém a postura heroica de vitória e superação das adversidades, o qual corresponde aos símbolos de ascensão, o qual, para Bachelard, “é a mesma operação do espírito humano que nos leva para a luz e para o alto” (PITTA, 2005 p. 27).

A passagem “*tem sob o seu comando uma porrada de homens*”, aduz ao elemento *chefe*, assumido para a Teoria do Imaginário como significante do culto ao universal, por representar comando, liderança, poder hegemônico, aspectos que desconstruídos pela autora nos versos “*exemplo de mulher resolvida, conseguiu tudo que quis*”, reposicionando o imaginário do leitor sobre questões de gênero/feminilidade.

Em suma, a interiorização da perspectiva feminista contida na poética de Cida Pedrosa é observada nos diversos poemas da obra, assim como nos excertos eleitos e mencionados acima. A apresentação de mulheres na construção delas mesmas concede e garante o seu lugar social na produção de conhecimento questionador das questões de gênero, traduz o que pensam e o que fazem, tornando-as sujeito de fala.

Nessa reorganização de papéis, a construção mítica popular feminista relê o pensamento educacional, fornece premissas para além da lógica do saber dominante. *As filhas de Lilith* recria a figura mística da mulher e das identidades fluidas, fornece argumentos sobre

comportamento, potencial feminino e das relações poder marcadas por questões de gênero, assim como na educação. Todo esse trajeto antropológico seguido pela autora reafirma o imaginário como conector necessário pelo qual se constitui toda representação humana e das subjetividades negligenciadas (DURAND, 1994).

Usualmente o sujeito de fala é sempre masculino. A ele são reservados os lugares de destaque, tornando o homem visível. Compreender a importância da desconstrução dos discursos vigentes, dos quais a educação não escapa, é um potencial visto na obra da referida escritora. Analisá-los sob a ótica interdisciplinar e não redutora torna-se um recurso à apresentação de novas epistemes.

A obra literária da referida autora nos suscita a compreensão da existência de mulheres diversas. Em sua literatura é possível desenhar o sentimento de sujeitos subalternos que estão a destoar das imposições vigentes pelo sistema de poder-saber. Constrói-se, assim, um diálogo teórico e literário efetivo que protagoniza a voz feminina em ambientes/situações que podem potencializar a formação humana para temas sensíveis, que vise articular a sensibilidade enquanto vetor epistemológico e político.

Foucault (2014) aduz que o discurso, em sua mais ampla metáfora, nada mais é do que a reverberação de uma verdade, e, quando tudo pode, enfim, tomar forma do discurso, quando tudo pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si. Questionar os interditos é uma oportunidade de potencializar novos saberes, assim como aqueles que Cida Pedrosa pensa na obra aqui analisada.

Na literatura produzida por Cida Pedrosa é apresentada a mulher enquanto metáfora das questões de gênero. Visões femininas que permitem potencializar ideias geradoras de reconhecimento de eu-feminino, do fluido, do desviante, do gênero tão negligenciado na educação formal e valorizado pelo saber popular

O saber não formal, assim como o produzido pela literatura de Cida Pedrosa, aliado a teorias não redutoras, é imprescindível à resistência as imposições epistemológicas que marcam o sistema de saber educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na Teoria do Imaginário, compreende-se que o estudo da postura ideológico-literária contida nas poesias de Cida Pedrosa trata da compreensão do poder de fala de literatura e fora dela, do desafio epistemológico das produções feministas. Permite uma constante reflexão a partir de uma outra lógica da construção do conhecimento científico.

Alude à educação humana, enquanto significativa, a partir da consideração da pluralidade que permeia a sociedade, com base na contribuição dada por sujeitos silenciados pelo sistema hegemônico do conhecimento.

Vê-se que a Teoria do Imaginário privilegia o simbólico – que foi tão negligenciado pelo fazer científico ao longo da história – ao possibilitar a elaboração de discursos outros, como os observados na obra analisada. Apresenta uma outra hermenêutica atrelada a diversos campos do saber, constitui-se pelo princípio que a relação entre natureza e cultura é estabelecida através do imaginário.

Averiguamos que a literatura de Cida Pedrosa nos lega ao compromisso que a palavra tem com a formação de discursos que libertem e conduzam à afirmação da diversidade humana.

Conclui-se que é preciso se reconhecer a importância da literatura nos processos de produção do conhecimento, fator caro e importante à educação e outras ciências afins. Assume-se que a volirzação do saber popular presente em obras como a de Cida Pedrosa, muitas vezes desconhecidas e pouco veiculadas nos grandes centros urbanos e acadêmicos, podem assumir e trabalhar perspectivas outras, além das que já são usadas como norteadoras de processos formativos, que dispensam a educação pelo sensível, pelo imaginário e o lugar de fala dos sujeitos. Enfim, constata-se que a literatura produzida por Cida Pedrosa enaltece as questões de gênero e a diversidade humana, comprometida e ligada a um discurso político e multifacetado, indicador de outros epistemes e paradigmas sobre os temas em questão.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Actos performativos y constitución de género: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista. **Debate feminista**, nº 18, México, 1998, p. 296-314.

CARVALHO, Mário de Faria; CARDOSO, Fernando da Silva. Contemporaneidade, pesquisa social e imaginário. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 7, n. 13, jul./dez. 2015.

CHAVES, Fabiana Nogueira. **Educação popular feminista para a transformação social: a experiência da UFAC**. Anais do 18º Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações Gênero - REDOR, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

CONTE, Isaura Isabel. Educação popular e feminismo. **Revista Espaço da Sophia**, nº 22, ano II, 2009.

DENZIN, Norman K. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Trad. de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artemed, 2006.

DURAND, Gilbert. **L'Imaginaire. Essai sur les sciences et la philosophie de l'image**. Paris: Hatier, 1994.

FAVARETTO, Celso F. Arte contemporânea e educação. **Revista Iberoamericana de Educación**, n.º 53, 2010, p. 225-235.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra. 1996.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra. 1996.

MARIANO, Silvana Aparecida. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 483, jan. 2005.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7. ed. Petrópolis-RJ: Vozes. 2016.

OLIVEIRA, Adriana Vidal de. **A teoria de Judith Butler: implicações nas estratégias de luta do movimento feminista**. Salvador-BA, 2008.

PEDROSA, Cida. **As filhas de Lilith**. Rio de Janeiro: Calibán. 2009.

PIITA, Danielle. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.

SHOLE, Lia. A mulher na literatura: gênero e representação. In: DUARTE, Lima; ASSIS, Eduardo de; BEZERRA, Cátia da Costa (Orgs.) **Gênero e representação na literatura brasileira: ensaios**. Belo Horizonte: Pós-graduação em Letras - Estudos Literários, 2002, p. 174-183.

SILVA, Antônio Ozaí da. Um olhar sobre a literatura: reflexões acerca da sua contribuição político-pedagógica. **Revista Espaço Acadêmico**. n° 91, ano VIII, dez., 2008.

VIEIRA, Vera. Metodologia de educação popular feminista. In: _____; CHARF, Clara (Orgs.). **Mulheres e homens trabalhando pela paz e contra a violência doméstica**. São Paulo: Associação Mulheres pela Paz, 2012, p. 163-169.